

O significado da Alemanha para a gênese da Geografia Moderna*

Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira**

Resumo

O texto discute as pré-condições materiais e ideológicas gestadas ao longo do processo de transição do feudalismo para o capitalismo que permitiram o surgimento da Geografia Moderna. Sua gênese está diretamente relacionada ao processo de formação do Estado nacional alemão, atrasado em relação ao quadro europeu ocidental, em particular à Inglaterra e à França. O caráter tardio e as peculiaridades desse processo influenciaram a história da Alemanha, refletindo-se sobre suas relações econômicas, sua organização política e até mesmo sobre as formas de pensamento dominantes. A problemática da unificação e do lugar da Alemanha no cenário europeu e mundial, é o desafio respondido pela filosofia clássica alemã, da qual a geografia tal como o marxismo são herdeiros.

Palavras-chave: Transição feudalismo-capitalismo; formação sócio-espacial alemã; Geografia Moderna.

Abstract

The text discusses the material and ideological pre-conditions generated along the process of transition from feudalism to capitalism which allowed the appearance of Modern Geography. Its genesis is directly related to the process of formation of the German national State, late in relation to the Western European

* As idéias aqui desenvolvidas foram originalmente apresentadas no 1º Simpósio Internacional “História da Ciência e Epistemologia”. Piracicaba, USP/UNIMEP, out. 1997.

** Professora Doutora da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI (raquelfontes@brturbo.com.br).

scene, especially to England and France. The late character and the peculiarities of that process influenced the history of Germany, with consequences for its economic relationships, its political organization and even for the dominant thought forms. The issue of unification and the place of Germany in the European and world context, is the challenge answered by the classical German philosophy, of which geography, just as Marxism, are heirs.

Key words: Transition feudalism-capitalism; German socio-spatial formation; Modern Geography.

Introdução

Com Alexander von Humboldt e Karl Ritter, a Geografia adquire, na Alemanha, no século XIX “status” científico. A ênfase na descrição característica da antiga Geografia, resultante dos relatos de viagens e expedições científicas, é substituída por uma perspectiva explicativa, sistemática e científica.

O movimento responsável pela eclosão da Geografia origina também outras ciências específicas. Isso porque até o século XVIII a ciência ainda não se fragmentara e o conhecimento tinha uma dimensão de totalidade social na qual pensadores e cientistas vivem e desenvolvem reflexões importantes em qualquer campo, sem atomizar o conhecimento porque até então vigorava uma concepção globalizada dos problemas, já que a realidade era ainda concebida de forma integrada. A divisão do trabalho científico na sociedade ocidental acompanha a divisão do trabalho social, pois o processo de desenvolvimento da sociedade acarreta a extrema fragmentação do trabalho, fragmentação esta que vai ocorrer também no plano teórico.

Uma análise, mesmo superficial, da evolução do pensamento geográfico na Alemanha permite reconhecer a contribuição de diferentes autores já desde o século XII. Sobretudo nos séculos XVI, XVII e XVIII percebe-se uma produção geográfica bastante variada, com a Alemanha despontando no que se efere à publicação de obras desse cunho. Esse fato tem a ver com a

Reforma protestante que se coloca como um momento importante, rico em reflexões sobre o ensino. Felipe Melanchton (1497-1560), responsável pelo sistema escolar e universitário na Europa luterana, fundamenta o currículo no seguinte princípio: somente devem ser ensinadas as disciplinas que podem colocar-se a serviço da doutrina evangélica. A Reforma imprime uma nova orientação à Geografia na Alemanha luterana, pois enquanto para o geógrafo católico o objetivo básico da geografia seria “desenvolver a imagem do mundo criado por Deus”, para o geógrafo luterano a preocupação central reside na demonstração de “como funciona o mundo criado por Deus”¹. Vê-se, então, que os geógrafos luteranos colocam-se diante da tarefa de não apenas reestruturar sua disciplina, como são obrigados a fazê-lo para enquadrar o ensino da Geografia dentro de uma nova atitude mental².

É preciso, pois, reconhecer que a visão de mundo moderna e, com ela a de ciência, não pode ser entendida apenas como um aprimoramento da visão de mundo antiga. O conhecimento atual não pode ser visto apenas como o ponto alto e o resumo das culturas anteriores. É possível reconhecer que não há uma mera continuidade no avanço do conhecimento humano, mas, por vezes, ocorrem mudanças radicais, verdadeiras revoluções que representam golpes definitivos na estrutura do corpo de conhecimentos anterior³.

¹ BÜTTNER, Manfred. El significado de la reforma para la nueva orientación de la geografía en la Alemania Luterana. **Geo-Crítica**. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona (12): 5-22, nov. 1977.

² O esforço de escolarização desenvolvido pela Alemanha é simplesmente fantástico: em 1870 a percentagem de analfabetos com mais de 10 anos, na Prússia, é de 10% entre os homens e de 15% entre as mulheres.

³ Assim, por exemplo, Copérnico ao publicar, em 1543, o seu *De Revolutionibus Orbium Coelestium* apresentou as bases de uma revolução que tirou a Terra de seu “lugar natural”. Sua obra, no entanto, é simultaneamente revolucionária e conservadora. Desloca a Terra do centro do universo e explica o movimento dos planetas por uma hipótese heliocêntrica, mas conserva o princípio da circularidade dos movimentos e da perfeição das esferas.

Já desde o Renascimento, observa-se a manipulação experimental da natureza. O conhecimento não é mais resultado apenas da clareza de raciocínio; ele tem que ser comprovado experimentalmente e isso - a experimentação - se dá através do trabalho. O conhecimento passa a ser então fruto do trabalho, coisa de escravo para o mundo antigo. Na visão protestante, o trabalho aparece como a forma por meio da qual o homem mostra que respeita os dons que Deus lhe deu. Há uma visão positiva do trabalho enquanto que na Idade Média o trabalho era ainda considerado castigo, pois na visão católica ele aparece como fruto do pecado.

As modificações introduzidas na evolução do pensamento geográfico refletem as mudanças ocorridas na história do pensamento em geral, algumas das quais, como já foi lembrado, vinham desenvolvendo-se lentamente desde o Renascimento. Os séculos XVI e XVII, especialmente, caracterizam-se por uma intensa polêmica mantida contra o pensamento medieval, impregnado por concepções filosóficas ligadas à visão teológica. A idéia de natureza, que começa a tomar corpo, estabelece um paralelo com a máquina, destruindo a antiga visão contemplativa que se instituíra entre o homem e a natureza. A evolução das estruturas econômico-sociais provoca o desenvolvimento da superestrutura cultural, afetando, portanto, a maneira de explicar as relações entre o homem e a natureza⁴.

O conhecimento é produzido de acordo com as particularidades históricas de cada época. Como um ramo do conhecimento, a Geografia pode ser considerada universal, considerando que emerge do próprio despertar da consciência humana, através do contato do homem com a natureza. No entanto, como um saber específico, ela difere segundo as mentalidades e circunstâncias dos períodos históricos.

⁴ O surgimento da ciência moderna tem estreita ligação com a nova forma de produzir. Pelo trabalho o homem torna a natureza sua serva e isso gera, simultaneamente, uma nova forma de conhecimento e de produção. O progresso tecnológico incide diretamente sobre o modo de pensar e de ver a natureza. Esta, tal como as máquinas e os instrumentos, pode ser desmontada, submetida a cálculos e provas.

Há descontinuidades epistemológicas situadas ao longo da evolução da civilização ocidental e a distinção entre os escritos dos viajantes, exploradores e cosmógrafos e a produção dos pioneiros da Geografia moderna⁵ está em que se vive agora um novo momento, sob a égide de uma nova forma de produzir. A ciência moderna traz uma nova relação homem-natureza que tem a ver com o capitalismo e com a consolidação do projeto político da burguesia. “A nova sociedade em formação exige o domínio do homem sobre a natureza, a compreensão de suas leis e a utilização de suas forças. A natureza é 'dessacralizada' e a ciência, convertida em substituto laico da religião”⁶.

Foucault aponta duas grandes rupturas na epistémé ocidental. A primeira em meados do século XVIII, precedida por intensa polêmica no plano das idéias desde os séculos XVI e XVII contra o pensamento medieval. Essa ruptura entre a epistémé clássica e a moderna provoca o aparecimento das primeiras ciências humanas⁷, já que na epistémé clássica não há o isolamento de um domínio próprio e específico do homem. Somente na epistémé moderna⁸ o homem começa a aparecer na posição ambígua de objeto para um grupo de ciências e de sujeito

⁵ Veja-se, por exemplo, o relato de Hans Staden sobre suas viagens ao Brasil no século XVI (Duas viagens ao Brasil, São Paulo: Editora da USP, 1974). Sua narrativa contém informações verídicas, pois toda a sua motivação é religiosa. Ele atribui a Deus o feitio de suas viagens, considera os índios selvagens e tiranos e, como não são cristãos, despossuídos de alma. Simplesmente descreve o visível (a paisagem) e vê-se como um indivíduo guiado e protegido por Deus.

⁶ PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia Moderna**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. p. 70-71.

⁷ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 324-325.

⁸ Vale lembrar que a modernidade, para Foucault, corresponde ao aparecimento das ciências do homem, enquanto para a História corresponde ao Renascimento e para a Filosofia ela tem início com Descartes.

cognoscente para outras. A segunda ruptura se dá no início do século XIX – época em que Humboldt e Ritter produziram suas obras – quando ocorre a passagem da modernidade para a epistémica contemporânea. Essa mudança se afirma com a difusão de estudos de cunho histórico que colocam no centro de sua análise a concepção de progresso. A natureza passa a ser vista não mais como algo imutável desde o seu início, mas fruto de uma longa história e produto de um desenvolvimento. O afloramento epistemológico do homem e da historicidade são básicos para o nascimento da Geografia Moderna, muito embora o impulso definitivo só venha com o evolucionismo que torna a análise geográfica particularmente importante pelo destaque atribuído ao ambiente nos mecanismos de evolução das espécies.

Do que foi exposto, depreende-se que para a constituição da Geografia Moderna são necessários requisitos (materiais e ideológicos) que, gestados ao longo do processo de transição do feudalismo para o capitalismo, estão maturados no século XIX, ocasião em que se consolida o domínio da burguesia e do modo de produção capitalista que se alastrava por quase toda a Europa.

As particularidades históricas da Alemanha e o surgimento da Geografia Moderna

As condições necessárias para o aparecimento da Geografia Moderna estão postas, mas elas não teriam determinado automaticamente sua gênese não fosse o estímulo social mais direto presente na especificidade histórica da Alemanha. Somente a análise da especificidade do desenvolvimento do capitalismo e das idéias neste país pode explicar as razões que fizeram a sociedade alemã valorizar a temática geográfica⁹.

⁹ O surgimento da Geografia articula-se, pois, com motivações de natureza política. A formação do Estado nacional alemão precisa de estímulos, o que faz com que o discurso geográfico assuma uma centralidade, consolidando o sentimento de pátria através da identidade territorial. Isso também não se aplicaria ao Brasil, já que as idéias

O processo de formação do Estado nacional alemão, além de apresentar-se atrasado em relação ao quadro europeu ocidental - em particular à Inglaterra e à França - segue uma trajetória bastante particular guiada por uma dinâmica em que predomina o papel do Estado. O caráter tardio e as particularidades desse processo vão influenciar sobremaneira a história da Alemanha, refletindo-se sobre suas relações econômicas, sua organização política e até mesmo sobre as formas de pensamento dominantes¹⁰.

geográficas parecem ter a ver com sociedades atrasadas - de capitalismo tardio?! Note-se que a institucionalização da Geografia no Brasil se dá após a Revolução de Trinta, com a criação da Universidade de São Paulo (em 1934 - mesmo ano em que é fundada a Associação dos Geógrafos Brasileiros) e da Universidade do Distrito Federal (em 1935). Em 1937, é criado o Conselho Nacional de Geografia (CNG) e em 1938, já em plena vigência do Estado Novo, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), num período em que o federalismo da República Velha é condenado e o poder passa a ser altamente centralizado. A frágil democracia existente é minada pelo Golpe que dá início a uma ditadura populista, a qual exige um reaparelhamento do Estado para a modernização da Nação como um todo. A política desencadeada por Getúlio Vargas age no plano espacial no sentido de eliminar os mercados regionais e iniciar a formação de um mercado nacional, baseado no sistema rodoviário. Na verdade, o que parece ocorrer no Brasil a partir de 30, relativamente às relações de produção, é a articulação da “via prussiana” em que as mudanças exigidas por pressão de baixo são controladas e implementadas de cima para baixo, pelo Estado. Com o fim das oligarquias regionais dominantes, ligadas ao mercado externo, conforme Ignácio Rangel, uma nova composição de classes chega ao poder: os latifundiários, que, enquanto hegemônicos, tal como na Alemanha, vão dirigir esse processo, tendo como sócios menores os representantes do capital industrial, defensores, naquele momento, da expansão do mercado interno.

¹⁰ No plano das idéias, a intelectualidade alemã vive quase que teoricamente o que já era uma realidade política e social completa em outros países. A filosofia alemã levanta problemas que se colocam num plano absolutamente ideal e abstrato.

Apesar do temário geográfico já ter sido objeto de estudos em outros países em diferentes épocas, são esses elementos - o caráter tardio do desenvolvimento alemão e a especificidade do processo que leva à constituição do Estado nacional – que reúnem as condições capazes de explicar o surgimento pioneiro da Geografia Moderna naquele país, na busca de soluções práticas que viabilizassem a sua unificação e a superação do atraso em que se encontrava.

No início do século XIX a Alemanha ainda está dividida em inúmeros feudos, unidos apenas por alguns traços culturais comuns. Ela não passou sequer pela Monarquia Absoluta - que é a forma de governo que assinala a transição entre o feudalismo e a constituição dos Estados modernos. Até a Reforma e as lutas camponesas, no caso da Alemanha, contribuem para reforçar a fragmentação e a aristocracia rural.

A unificação nacional alemã, cujo ideal começa a se solidificar com a expansão napoleônica, realiza-se sob a égide da Prússia, cuja ascensão é marcada pela complexidade histórica de todo o Reich e da aristocracia “*Yunker*”, distinta das grandes nobrezas européias. O reino da Prússia, transformado no império germânico, apresenta-se, na Europa, como um caso típico “de um desenvolvimento desigual e combinado” que originaria - a partir de um pequeno e atrasado território feudal do Báltico - o maior país capitalista do continente que, graças à sua dinâmica, vai participar da 2ª Revolução Industrial como a maior potência industrial européia.

Não só no âmbito da Geografia, mas todo o desenvolvimento intelectual alemão do século XIX será determinado pela problemática da unificação e do lugar da Alemanha no cenário europeu e mundial. A Geografia nasce, portanto, para tentar resolver duas questões: a interna, que já acontece em função de uma outra: a externa - o desejo de expansão que é constitutivo do capitalismo. Se a questão que à época se colocava fosse meramente a de fragmentação do território, a

Geografia poderia ter surgido em outras regiões da Europa que viviam idêntica situação.

Percebe-se, então, que a Geografia manifesta-se como reação de uma sociedade atrasada que se coloca em disputa com outras nações e, por encarnar a necessidade da política, é tão bem aceita. Partindo praticamente das mesmas matrizes que geram o marxismo, ela surge comprometida com outra classe – a aristocracia prussiana.

Recebido em agosto de 2005

Aceito em setembro de 2005